

Gros acha boa reação de bancos

Rio — O presidente do Banco Central, Francisco Gros, que compareceu ontem à posse da nova diretoria do Banerj, classificou como “positiva” a atitude dos bancos americanos que decidiram adotar o “regime de caixa” em relação ao Brasil, contabilizando como lucro os juros devidos só após o seu recebimento.

Tentando, logo depois, corrigir a sua expressão, Gross garantiu: “E preciso reconhecer a realidade desses credores e não encarar a sua atitude como um instrumento de pressão. Eu ficaria assustado, isto sim, se eles estivessem contabilizando os juros que nós não estamos pagando”.

Francisco Gros admitiu ainda que o sistema de capitalização de juros, que poderia ser adotado no Brasil, tem de ser estudado com mais profundidade, “porque fere a legislação de alguns países, como os EUA”. Os europeus, no entanto, garantiu, não teriam qualquer dificuldade de sentar à mesa de negociações e discutir a proposta. O presidente do Banco Central informou ainda que não há moti-

vos para se alardear a notícia de que o Morgan Guarantee Trust teria colocado os depósitos do Brasil exigíveis a cada 24 horas, obedecendo ao esquema de **overnight**.

“A informação que tivemos é de que a renovação vem sendo feita pelo prazo de uma semana”, explicou Gros. Comentando o novo pacote econômico apresentado pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, aos parlamentares do PMDB, o presidente do BC destacou: “todas essas medidas visam reduzir o custo da dívida, a transferência dos recursos para o exterior para se ter mais tranqüilidade e não ficar como o México, que se manteve por mais de 10 meses à mesa de negociações sem condições de financiar o seu crescimento”.

Referindo-se à decisão do Bank Of Montreal de converter 10 por cento do total de seus créditos em capital de risco no País, Gros enfatizou: “Isto significa que o Brasil foi, é e continuará sendo um bom parceiro”. Ele defendeu, no entanto, que a legislação brasileira inclua limitações quantitativas e quali-

tativas para o sistema de conversão de dívida externa em capital de risco. Ou seja, se há um credor que opte por fazer investimentos para instalação de uma fábrica no Nordeste, o País passa a considerar a aplicação prioritária em relação a uma decisão de investimento na Avenida Paulista, explicou.

Gros, que viaja na próxima segunda-feira para Nova Iorque, admitiu que o Governo brasileiro não tem “uma solução mágica” para apresentar aos credores e que traga resultados satisfatórios de curto prazo. A essa altura, ele voltava a mencionar o plano do ministro Funaro levado ao PMDB e classificado por José Luiz de Miranda, presidente do Banco Interatlântico (associado ao Morgan Guarantee Trust) como “um plano do BNDES”. Descontente com a crítica do banqueiro, Gros disparou:

— Se ele diz isso é porque ele não leu o programa. Os principais problemas da economia brasileira, envolvendo preços, câmbio, salários e tarifas públicas estão contemplados no programa, é só ler.